

Cresce o medo de uma crise mundial

Paris — O surto de falências que dia após dia atinge os países do terceiro mundo faz recrudescer o medo diante de uma crise financeira mundial que já atingiu proporções sem precedentes.

Decorrido um mês da Conferência do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Toronto, Canadá, não há exemplo histórico de tamanha incapacidade de pagamentos de dívida e semelhante mal-estar do sistema financeiro internacional.

A tudo isto, acrescenta-se uma dúvida angustiante: depois da Polônia, México e Argentina, entre outros, qual será o próximo país a fazer parte da lista dos falidos?

As proporções da situação chegou a tal ponto que hoje parece totalmente superado o debate sobre a teoria do dominó pois o efeito do contágio é evidente, com parte do terceiro mundo considerado o grande prejudicado.

Até agora, os países atingidos pela recessão tomaram de forma relativamente intempestiva as disposições necessárias para evitar a bancarrota total. Incapazes de pagar as dívidas enormes acumuladas nos anos 60, recorreram ao FMI para obter a ajuda

financeira que os bancos internacionais se negam agora a conceder-lhes. Em troca desta ajuda, o FMI, atuando como gendarme financeiro, impõe um plano de saneamento econômico com condições drásticas.

Graças à "luz verde" do FMI, a comunidade internacional adquiriu confiança para renegociar com os países devedores. Mas esta situação clássica, que acaba de funcionar no caso da Romênia, poderá não se aplicar a muitos países, uma hipótese claramente mais pessimista que os analistas internacionais não descartam.

O caso do México - onde a oposição criticou violentamente o FMI, em cujos meios é inegável a influência dos Estados Unidos - país que enfrenta uma dívida de 78 bilhões de dólares demonstrou que uma crise financeira tem repercussões políticas incalculáveis, de fato, as condições impostas pelo FMI podem tornar-se insuportáveis no plano interno, como aconteceu há alguns anos no Egito.

Por sua vez, o caso do Zaire, até agora o único, deve também atrair a atenção. Este país africano, cuja dívida é relativamente baixa (4,1 bilhões de dólares) não tem nenhuma condição de pagar em tempo não

apenas as suas dívidas como também seu reescalonamento já renegociado três vezes.

Uma importante reunião se realizará entre banqueiros internacionais e o Banco Central de Zaire amanhã em Kinshasa, para evitar que este país seja oficialmente declarado incapaz de saldar suas dívidas, o que provocaria seu afastamento da comunidade financeira internacional de graves consequências para a nação.

Esta medida seria também prejudicial para os próprios bancos, que perderiam seus capitais no Zaire, deixando alguns deles em situações difíceis.

Vários casos semelhantes poderão provocar falência de estabelecimentos internacionais diante da falta de ajuda de urgência dos bancos centrais do ocidente.

O "Morgan Guaranty Trust", em seu último boletim, calculou que a redução à metade da taxa de progressão dos empréstimos bancários ao terceiro mundo, em relação aos anos anteriores, seria preferível uma interrupção total. Mas esta diminuição dos fundos de um montante de 25 e a 35 bilhões de dólares, deixaria estes países numa situação ainda mais delicada.